

UM PEQUENO RETRATO¹

Tradução: Fernando Garcia²

Revisão: Andrei dos Santos Cunha³

Sempre que descubro por acaso em revistas ou jornais que pessoas que haviam vindo até minha casa visitar-me escreveram depois, sem que eu soubesse, pequenos ensaios com ares de crítica a meu respeito, experimento de fato uma sensação inesperada. Será que sou somente eu que sinto, independente da adequação ou inadequação do texto, como se essas pessoas, supostamente íntimas, me estivessem tratando antes com reserva, ou até mesmo me traindo? Recentemente recebi um pedido de M, da editora Kaizôsha, para que escrevesse algo a respeito da coletânea de obras de Ibuse Masuji que parece que vão publicar, mas não sei o que fazer. Minha casa fica na cidade de Mitaka, província de Tóquio, um lugar bastante difícil de encontrar, quase estrangeiro, poder-se-ia dizer, de modo que imagino ser bastante trabalhoso para alguém dignar-se a vir visitar-me. A verdade é que M conseguiu encontrar minha casa após muito esforço, e enxugava o suor que lhe escorria enquanto me pediu: “Por favor, um texto apenas sobre Ibuse”. Senti-me constrangido e desorientado. Até hoje são muitos os favores que devo a Ibuse. Ser-me-ia difícil escrever algo sobre ele a esta altura. Eu até escrevera algo uma vez no passado, mas na ocasião o próprio Ibuse me dissera que “já não escrevesse mais nada”, ao que cheguei a lhe prometer que “não, já não escreveria”. É muito difícil escrever. Mas M deu-se o trabalho de percorrer um longo caminho para dizer-me em pessoa que escrevesse algo. Parece que sou um homem fraco. Não pude recusar com convicção. Ainda, M possui a virtude da magnanimidade, o que foi um dos motivos que tornaram impossível a minha recusa. De qualquer modo, aceitei o pedido. Agora, tenho que escrever. Ibuse, perdoe-me, por favor.

O que será que poderia escrever? Há mais de uma década eu fora até a cidade de Tóquio, e logo me dirigira à casa de Ibuse. Àquela época ele tinha o rosto assustador de tão magro. Seus olhos se sobressaíam enormes. De pouco em pouco engordou. Aquele ar assustador, contudo, reside em seu âmago.

¹ “Um pequeno retrato”, [小照, *Shôshô*]. Publicado originalmente em julho de 1942, na revista *Shin Nihon Bungaku*.

² Fernando Garcia é Bacharel em Tradução Japonês/Português pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atuou na Universidade de Hokkaidô, como pesquisador em Literatura Comparada, com bolsa de estudos do Ministério da Educação japonês. Traduziu *Sanshiro* e *O Portal*, de Natsume Sôseki, e *Vita Sexualis*, de Mori Ôgai, além da correspondência entre Mishima Yukio e Kawabata Yasunari.

³ Andrei dos Santos Cunha é Doutor em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e professor de Língua e Literatura Japonesa da mesma instituição. E-mail: <andrei.cunha@ufrgs.br>.

Escrevendo coisas assim, sinto-me eu mesmo desgostoso com a absurdez, com o nível de inabilidade de meu texto. Não há como alguém inepto como eu conseguir compor um esboço de Ibuse em três ou quatro páginas, quando muito.

Certa vez ele me dissera, piscando aqueles seus olhos que mencionei antes: “Por estes tempos eu venho tentando não deixar as pessoas encurraladas. É preciso criar para os outros sempre uma porta de escape...”. Parece que, ultimamente, Ibuse está tentando não tocar muito nas feridas alheias. Talvez tenha decidido fazer assim porque compreende as feridas bem demais. Mas, caso alguém veja esse novo Ibuse e faça pouco dele, achando-o um frouxo, talvez se arrependa.

Desta vez, deixem-me parar por aqui, por favor. É tão difícil escrever. Este foi um texto desajeitado. Deixemos para a próxima.

Como citar este texto (ABNT):

DAZAI, O. Um pequeno retrato. Tradução de Fernando Garcia. **Cadernos de Tradução**, Porto Alegre, n.41, jul./dez., p. 99-100, 2017.